

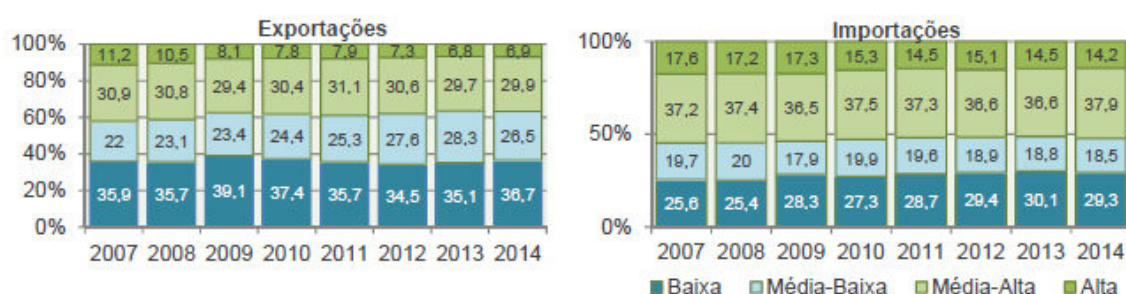
AGRAVA-SE O PERFIL DAS EXPORTAÇÕES PORTUGUESAS E APENAS 19,8% DOS PROJETOS APROVADOS ENTRE 2007-2014 NO PROGRAMA COMUNITÁRIO “COMPETE” ESTÃO ENCERRADOS

Um dos objetivos mais repetidos pelo governo é aumentar a competitividade das empresas e, por arrastamento, da economia, através da alteração do seu perfil produtivo, ou seja, substituindo produtos de baixa e média-baixa intensidade tecnológica por produtos de média-alta e de alta intensidade tecnológica. E os fundos comunitários, nomeadamente o COMPETE, seriam utilizados com esse fim.

Mas o que se tem verificado é precisamente o contrário. Como mostra o gráfico 1, constante do Relatório de execução de 2014 do programa operacional COMPETE, o programa mais importante financiado com fundos comunitários de apoio às empresas portuguesas do período 2007-2013, o que se tem registado é que as exportações que têm mais crescido são de produtos de baixa ou média-baixa intensidade tecnológica.

Gráfico 1 – Variação do perfil das exportações e importações portuguesas no período 2007/2014

Gráfico 2.43: Intensidade Tecnológica das Exportações e das Importações (Indústria Transformadora), 2007-2014



Fonte: GEEIGPEARI, BMEP n.º 4/2015 – Conjuntura, abril de 2015

FONTE: Relatório Execução do COMPETE – 2014 , pág. 83

Assim, a nível de exportações de bens da indústria transformadora portuguesa, entre 2007 e 2014, o peso dos produtos de baixa intensidade tecnológica aumentou de 35,9% para 36,7%, e o de média-baixa intensidade tecnológica também subiu de 22% para 26,5%. Pelo contrário, o peso de produtos de alta intensidade tecnológica desceu de 11,2% para apenas 6,9% do total das exportações no período considerado (2007/2014), e mesmo o dos produtos de média-alta intensidade tecnológica também diminuiu de 30,9% para 29,9%. Em relação às importações também se verificou a mesma tendência. Assim, entre 2007 e 2014, o peso nas importações de produtos de alta intensidade tecnológica diminuiu de 17,6% para 14,2% das importações totais de produtos da indústria transformadora, enquanto o peso das importações de produtos de baixa intensidade tecnológica aumentou de 25,6% para 29,3% das importações totais.

Entre 2007 e 2014, o perfil quer das exportações quer das importações portuguesas alterou-se no sentido de diminuição de intensidade tecnológica, ou seja, de menor valor acrescentado e menor competitividade, precisamente o contrário do objetivo do governo.

ENTRE 2007-2014 AS EXPORTAÇÕES DE AGROALIMENTARES AUMENTAM E AS DAS MÁQUINAS CAÍRAM

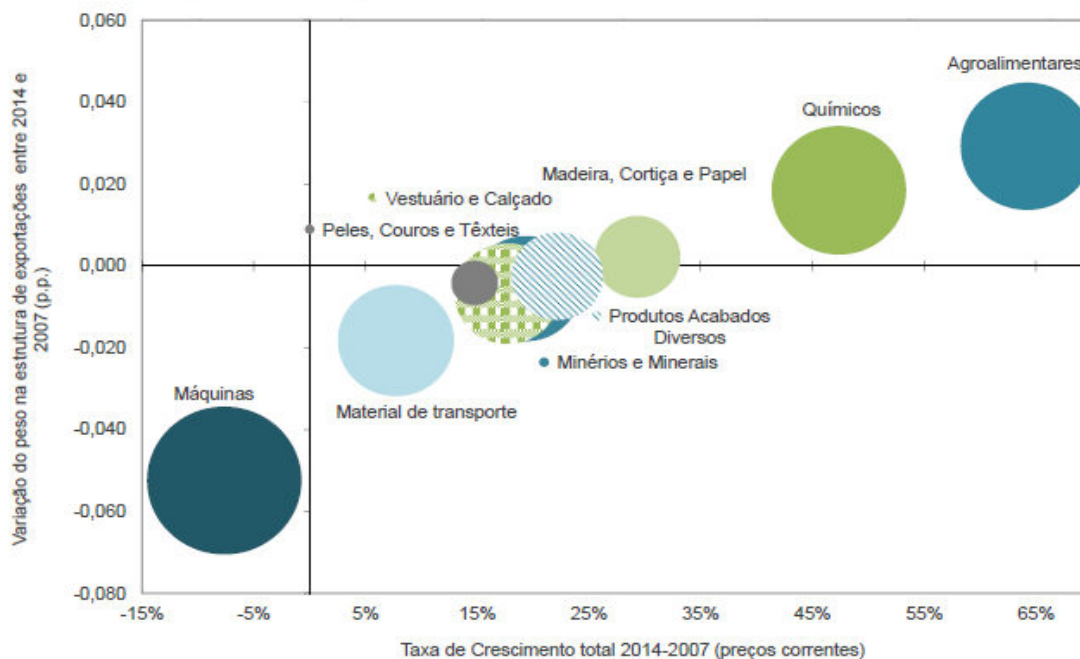
A conclusão anterior é ainda reforçada pelo facto das exportações dos chamados produtos tradicionais portuguesa de baixa intensidade tecnológica (agroalimentares; madeira, papel e pasta de papel; vestuário e calçado; peles, couro e têxteis), serem as que cresceram mais no período 2007-2014.

Esta acentuação do perfil produtivo tradicional da economia portuguesa torna-o mais frágil em relação à concorrência internacional, nomeadamente das chamadas economias emergentes, já que os seus produtos mais facilmente entrarão nos segmentos de mercado ocupados atualmente por produtos portugueses, e contraria o objetivo de fazer evoluir a economia portuguesa para bens de maior valor acrescentado.

O gráfico 2, constante também do Relatório de execução do COMPETE de 2014, mostra com clareza a natureza do crescimento das exportações portuguesas, que são um reflexo/espelho do aparelho produtivo nacional, tão apregoado pelo governo.

Gráfico 2 – Variação das exportações por produtos no período 2007-2014

Gráfico 2.42: Evolução das Exportações de Bens por Grupos de Produtos Mercadorias, 2007-2014



Nota: Diâmetro das bolhas corresponde ao peso nas exportações de 2014.

Composição dos Grupos de Produtos: Agroalimentares (01 a 24 da NC); Energéticos (27); Químicos (28 a 40); Madeira, Cortiça e Papel (44 a 49); Peles, Couros e Têxteis (41 a 43, 50 a 60 e 63); Vestuário e Calçado (61, 62, 64 a 67); Minérios e Metais (25, 26, 71 a 83); Máquinas (84 e 85); Material de Transporte (86 a 89) – Produtos Acabados Diversos (88 a 70 e 90 a 99). Não inclui produtos energéticos.

Fonte: POFC, a partir de Exportações (€) de bens por Local de destino e Tipo de bens (Nomenclatura combinada - NC8); Anual - INE, Estatísticas do Comércio Internacional de bens.

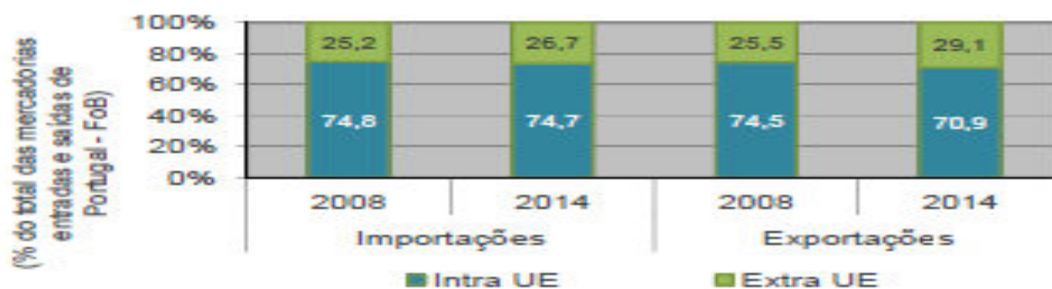
Como se afirma no próprio relatório do COMPETE verificou que, entre 2007 e 2014, “são os produtos agroalimentares que mais aumentaram as exportações (+65%), tendo ganho peso nas exportações de bens nacionais, seguidos pelos produtos químicos. “Com uma evolução oposta estão as máquinas”, com uma quebra de 5% (-5%), o que não deixa de ser significativo tendo em conta que “representam 14% dos produtos exportados em 2014”. Portanto, é evidente uma alteração do perfil das exportações para produtos em que a concorrência é cada vez mais forte e violenta, correndo-se assim o risco de se verificar obstáculos crescente à manutenção do crescimento registado nas exportações.

CONCENTRAÇÃO DAS IMPORTAÇÕES E EXPORTAÇÕES PORTUGUESAS NA UNIÃO EUROPEIA

Um aspeto preocupante da situação atual, é a extrema dependência de Portugal, quer nas importações quer nas exportações, da União Europeia, como revela o gráfico 3

Gráfico 3 – Importações e exportações portuguesas por áreas geográficas – 2007/2014

Gráfico 2.44: Principais Mercados Internacionais de Portugal (Mercadorias), 2008 e 2014



Fonte: GEE|GPEARl, BMEP n.º 4/2015 – Conjuntura, abril de 2015

Os produtos de baixa intensidade tecnológica aumentam nas exportações e diminuem os de alta

Em 2014, ainda 74,7% das importações e 70,9% das exportações tinham como origem ou destino, a União Europeia. Tal dependência tem consequências variadas e contraditórias para Portugal que interessa ter presente para se avaliar os seus efeitos.

Um crescimento económico anémico da União Europeia como se prevê no futuro ou qualquer crise na União Europeia como é atual, e nomeadamente nos países em relação aos quais as relações comerciais são mais importantes, como é caso de Espanha, tem efeitos negativos importantes nas exportações portuguesas para o mercado europeu (transmissão da crise pelas relações comerciais). As variações do euro também afetam estas exportações mas por via indireta. Por ex., a desvalorização do euro aumenta a concorrência em relação aos produtos portugueses no mercado europeu, pela via de redução dos preços, dos produtos que têm como origem países externos (por ex., das economias emergentes). A sustentabilidade do crescimento das exportações portuguesas afunilado para o mercado europeu gera naturalmente preocupações pela sua crescente fragilidade (*redução de intensidade tecnológica*) face a uma concorrência cada vez mais global e desregulamentada que põe em perigo as economias mais débeis, com consequências dramáticas para as populações, nomeadamente quando se aposta nas exportações para a recuperação da economia e do desenvolvimento, como é a atual.

7 ANOS APÓS O INICIO DO QREN, 80% DOS PROJETOS AINDA NÃO ENCERRARAM

De um total de 3.173,7 milhões € de fundos comunitários que tinha o programa operacional COMPETE, 2.294 milhões € (72,3%) estavam afetos aos Eixos I e II. E no de fim de 2014, sete anos após o seu início, o número de projetos encerrados era reduzido com mostram gráficos 3 e 4 retirados do Relatório de Execução do COMPETE-2014.

Quadro 3- Projetos encerrados e por encerrar no Eixo I do COMPETE

Tabela 3.3: Candidaturas, Projetos Aprovados e Encerrados no Eixo I por Instrumento, 2007-2014

Unid: Mil Euros

Instrumento	Candidaturas		Projetos Aprovados			Projetos Encerrados		
	(2007-2014)		(2007-2014)			(2007-2014)		
	N.º Proj.	Investimento	N.º Proj.	Investimento Elegível	Incentivo	N.º Proj.	Investimento Elegível	Incentivo
SAECTN	12.076	1.711.872	2.575	386.185	327.784	30	2.967	2.361
SI I&DT	1782	2.050.275	828	834.556	424.790	203	227.588	93.327
TOTAL EIXO I	13.858	3.762.147	3.403	1.220.741	752.575	233	230.554	95.687

Fonte: SI POFC.

Quadro 3- Projetos encerrados e por encerrar no Eixo II do COMPETE em 31.12.2014

Tabela 3.18: Candidaturas, Projetos Aprovados e Encerrados no Eixo II por Instrumento, 2007-2014

Unid: Mil Euros

Instrumento	Candidaturas		Projetos Aprovados			Projetos Encerrados		
	(2007-2014)		(2007-2014)			(2007-2014)		
	N.º Proj.	Investimento	N.º Proj.	Investimento Elegível	Incentivo	N.º Proj.	Investimento Elegível	Incentivo
SI Inovação	2.060	14.178.983	924	4.355.585	1.863.402	333	1.307.230	583.483
SI Qualificação e Internac. PME	2.816	1.351.234	1.627	644.825	337.468	607	176.809	78.104
Proj Transitados do QCA III	8	1.892.172	6	978.566	163.855	5	623.210	125.033
TOTAL EIXO II	4.884	17.422.389	2.557	5.978.976	2.364.724	945	2.107.250	786.620

Fonte: SI POFC.

Em 31.12.2014, de um total de 5.960 projetos aprovados nos Eixos I e II, que são os eixos de apoio comunitário à inovação e modernização do aparelho produtivo, apenas 1.178 projetos (19,8% do total de projetos) estavam encerrados, que correspondiam apenas a 32,5% do investimento previsto. E isto 7 anos após o início do QREN, e dois anos após o fim previsto do QREN (ele era para vigorar no período 2007-2013), e após também se ter já iniciado um novo quadro comunitários (Portugal20). É evidente que a eficiência e eficácia deste governo, tão elogiada por ele próprio, não é grande.

Eugénio rosa, 27-6-2015, edr2@netcabo.pt